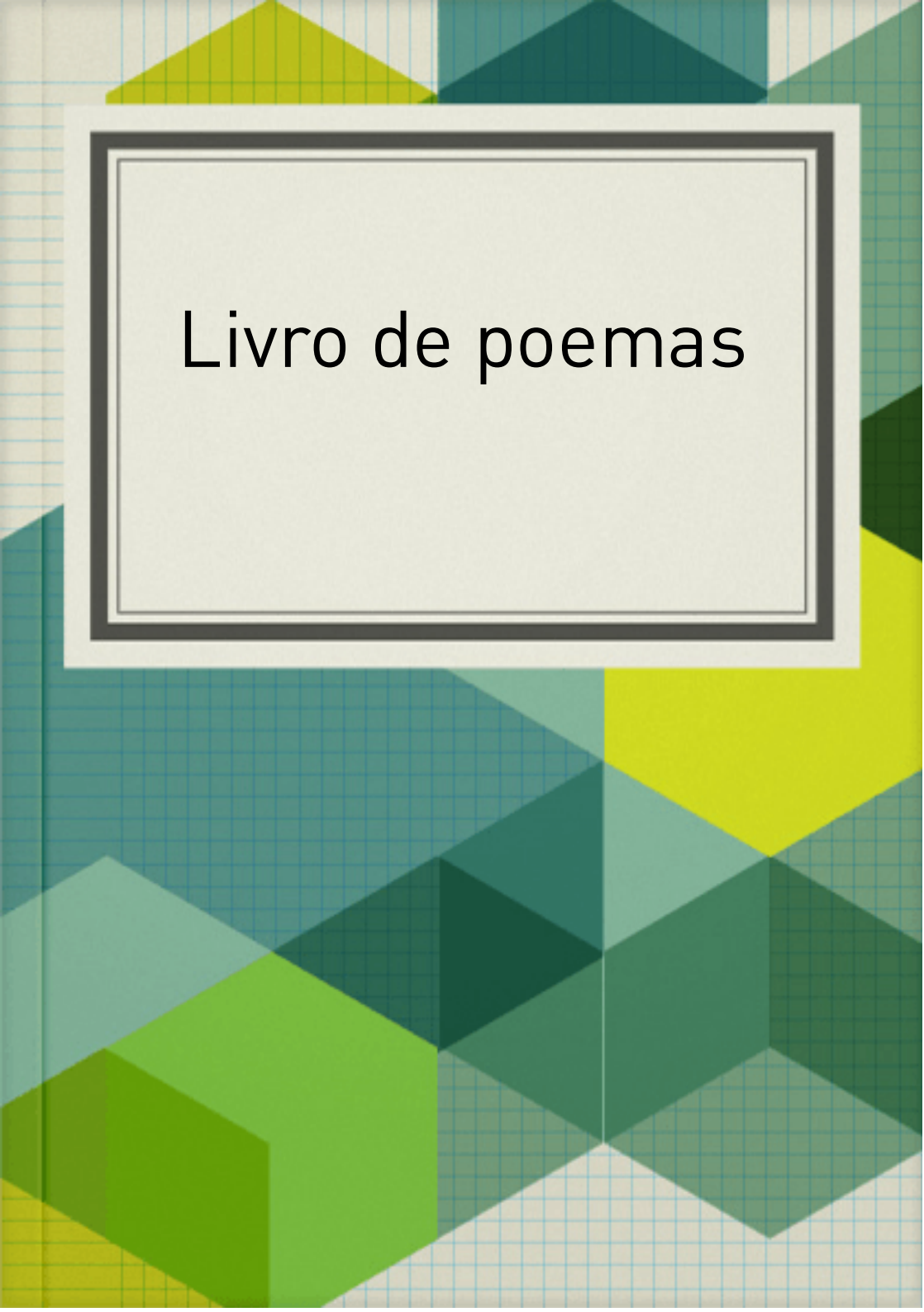




Livro de poemas

Taiane Teixeira Pereira /colégio Estadual de
Brumado-NTE13

Literatura Brasileira

- *Era Colonial (1500 á 1808)* - *Quinhentismo (1500 á 1601)* :Obra de José de Anchieta
"Jesus na manjedoura"
_ - Que fazeis, menina

Deus, Nestas palhas encostado? - Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado. - Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão pequenino? - O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado._

- Barroco (1601 á 1768) :Obra de Gregório de Matos Guerra

O todo sem a parte não é todo; A parte sem o todo não é parte; Mas se a parte o faz todo sendo parte, Não se diga que é parte, sendo todo.

* - Arcadismo (1768 á 1808):* Obra de Manoel Maria du Bocage
Se é doce Se é doce no recente, ameno Estio
Ver toucar-se a manhã de etéreas flores, E, lambendo
as areias e os verdores, Mole e queixoso deslizar-se o
rio; Se é doce no inocente desafio Ouvirem-se os
voláteis amadores, Seus versos modulando e seus
ardores Dentre os aromas de pomar sombrio; Se é
doce mares, céus ver anilados Pela quadra gentil, de
Amor querida, Que esperta os corações, floreia os
prados, Mais doce é ver-te de meus ais vencida, Dar-
me em teus brandos olhos desmaiados. Morte, morte
de amor, melhor que a vida

•Era Nacional (1836 até os dias atuais)

* - Romantismo (1836 á 1881):* Trecho da obra de
Gonçalves de Magalhães A Fantasia Para dourar a
existência Deus nos deu a fantasia; Quadro vivo, que
nos fala, D'alma profunda harmonia. Como um suave
perfume, Que com tudo se mistura; Como o sol que
flores cria, E enche de vida a natura. Como a lâmpada
do templo Nas trevas sozinha vela,

Mas se volta a luz do dia Não se apaga, e sempre é
bela. Dos pais, do amigo na ausência, Ela conserva a
lembrança, Aviva passados gozos, E em nós desperta
a esperança. Por ela sonho acordado, Subo ao céu, mil
mundos gero; Por ela às vezes dormindo Mais feliz me
considero. Por ela, meu caro Lima, Viverás sempre
comigo; Por ela sempre a teu lado Estará o teu amigo.

- Realismo (1881 á 1893):

Obra de Machado de Assis

A uma senhora que me pediu versos

Pensa em ti mesma, acharás Melhor poesia, Viveza,
graça, alegria, Doçura e paz. Se já dei flores um dia,
Quando rapaz, As que ora dou têm assaz Melancolia.
Uma só das horas tuas Valem um mês Das almas já
ressequidas. Os sóis e as luas Creio bem que Deus os
fez Para outras vidas.

- Naturalismo (início em 1881):

Obra de Álvares de Azevedo

Amor

Amemos! Quero de amor Viver no teu coração! Sofrer
e amar essa dor Que desmaia de paixão! Na tu'alma,
em teus encantos E na tua palidez E nos teus
ardentes prantos Suspirar de languidez! Quero em
teus lábio beber Os teus amores do céu, Quero em teu
seio morrer No enlevo do seio teu! Quero viver
d'esperança, Quero tremer e sentir! Na tua cheirosa
trança Quero sonhar e dormir! Vem, anjo, minha
donzela, Minha'alma, meu coração! Que noite, que
noite bela! Como é doce a viração! E entre os suspiros
do vento Da noite ao mole frescor, Quero viver um
momento, Morrer contigo de amor!

- Parnasianismo (início em 1882): Obra de Olavo
Bilac LÍNGUA PORTUGUESA Última flor do Lácio,
inculta e bela, És, a um tempo, esplendor e sepultura;
Ouro nativo, que, na ganga impura, A bruta mina entre
os cascalhos vela... Amo-te assim, desconhecida e
obscura, Tuba de alto clangor, lira singela, Que tens o
trom e o silvo da procela,

E o arrolo da saudade e da ternura! Amo o teu viço
agreste e o teu aroma De virgens selvas e de oceanos
largos! Amo-te, ó rude e doloroso idioma, Em que da
voz materna ouvi: "meu filho!" E em que Camões
chorou, no exílio amargo, O gênio sem ventura e o
amor sem brilho!

- simbolismo (início em 1893): Trecho da obra de
Alphonsus de Guimaraens. A Catedral Entre brumas
ao longe surge a aurora, O hialino orvalho aos poucos
se evapora, Agoniza o arrebol. A catedral ebúrnea do
meu sonho Aparece na paz do céu risonho Toda
branca de sol. E o sino canta em lúgubres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!" O astro
glorioso segue a eterna estrada. Uma áurea seta lhe
cintila em cada Refulgente raio de luz. A catedral
ebúrnea do meu sonho, Onde os meus olhos tão
cansados ponho, Recebe a benção de Jesus. E o sino
clama em lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus!
Pobre Alphonsus!" Por entre lírios e lilases desce A
tarde esquiva: amargurada prece Poe-se a luz a rezar.
A catedral ebúrnea do meu sonho Aparece na

paz do céu tristonho Toda branca de luar.

- Pré-modernismo(1902 á 1922):

Obra de Oswald de Andrade.

Pronominais

Dê-me um cigarro Diz a gramática Do professor e do
aluno E do mulato sabido Mas o bom negro e o bom
branco Da Nação Brasileira Dizem todos os dias Deixa
disso camarada Me dá um cigarro.

- Modernismo (início em 1992): Obra de Manuel
Bandeira .

ARTE DE AMAR

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua
alma. A alma é que estraga o amor. Só em Deus ela
pode encontrar satisfação. Não noutra alma. Só em
Deus - ou fora do mundo. As almas são
incomunicáveis. Deixa o teu corpo entender-se com
outro corpo. Porque os corpos se entendem, mas as
almas não.

* - Pós-Modernismo (1945 á 1960):

* Obra de Adélia Prado.

Momento Enquanto eu fiquei alegre, permaneceram um bule azul com um descascado no bico, uma garrafa de pimenta pelo meio, um latido e um céu limpidíssimo com recém-feitas estrelas. Resistiram nos seu lugares, em seus ofícios, constituindo o mundo pra mim, anteparo para o que foi um acometimento: súbito é bom ter um corpo pra rir e sacudir a cabeça. A vida é mais tempo alegre do que triste. Melhor é ser.